

PM começa construção de quartel da Estrutural

Cristina Ávila

Da equipe do **Correio**

O helicóptero da Polícia Militar sobrevoou a Estrutural durante várias horas do dia. Desde sábado, o major Wolney Rodrigues da Silva está na administração da invasão. As obras para instalação de um quartel da PM na área já começaram, o local onde foram derrubados cerca de 700 barracos na semana passada começou a ser cercado e 32 soldados estão fazendo a ronda.

Segundo o secretário de Segurança, Roberto Aguiar, nos próximos 12 dias a sede do quartel deverá estar pronta. O governo vai combater o crime e até delitos fiscais do comércio irregular que funciona no local. O secretário não deu muitos detalhes sobre o plano que lhe foi apresentado pelo major Wolney Rodrigues, alegando que ainda deveria submetê-lo ao governador Cristovam Buarque à noite.

Roberto Aguiar adiantou, no entanto, que a retirada dos barracos "não é objetivo imediato" e que o desarmamento de moradores será regular, "como é feito diariamente em todo o Distrito Federal". O secretário frisou que a PM terá a função até de garantir o direito de ir e vir dentro da Estrutural. Segundo o chefe do Estado Maior da Polícia Militar, coronel Antônio de Castro Filho, no final de semana a PM recebeu três telefonemas anônimos denunciando ameaças às famílias que queiram deixar a invasão.

"Três pessoas falaram sobre o mesmo tipo de ameaças. Falaram que quem quiser sair terá barracos ou pertences incendiados", afirmou o coronel Antônio de Castro Filho. Ele disse que dois telefonemas partiram de orelhões do Setor de Inflamáveis e um do Guará. O coronel explicou que a localização dos telefonemas foi feita através dos binas (equipamentos que registram o número do aparelho que faz a ligação) da PM.

Mas a origem das chamadas não é o único motivo que faz a polícia pensar que as ligações tenham sido feitas por pessoas da invasão. O coronel Antônio de Castro Filho afir-

Jorge Cardoso



A invasão da Estrutural começa a mudar de vida a partir da construção de um quartel que vai abrigar a administração do local. Parte da área será cercada

mou que o major Wolney Rodrigues recebeu as mesmas denúncias de moradores na própria Estrutural. Ele disse que uma das denúncias foi feita ao major por uma mulher. "Ela contou que ameaçaram botar fogo em sua mudança, se tentar deixar a invasão", relatou o chefe do Estado Maior.

Depois da derrubada de barracos com o aparato de 1.700 policiais na última quinta-feira, a Estrutural seguia ontem sua rotina normal. Mas os moradores estão mesmo temerosos com algum tipo de represália. As pessoas conversam, mas não se identificam. "Eu tenho medo. Aqui a gente está sujeito a tudo", declara um rapaz de aproximadamente 19 anos. Ele afirma que é comum que os casebres sejam furados à bala por qualquer motivo fútil.

O mesmo jovem diz que é contra a manutenção da invasão no local. "Por causa da área do Parque Nacional de Brasília. Eu tinha uns 12 ou 13 anos quando vinha caçar passarinho aqui". Ele lembra que a Estrutural já foi uma mata cheia de pássaros e teme pelas consequências da invasão no parque.

Mas o rapaz também tem medo do policiamento. "Já começaram a pedir documentos na rua e fazer perguntas. Vão cercar tudo isso e impedir a entrada do caminhão-pipa que traz água para os moradores, do caminhão de gás... O povo vai ficar desesperado e, depois, qualquer solução que oferecerem será considerada ótima. Eu conheço. Isso é tática militar." O jovem, porém, aceita deixar a Estrutural, se o governo oferecer-lhe lote em outro lugar.

Várias pessoas aceitam deixar o local. Outras resistem. Uma mulher sugeriu que o governo transforme a invasão em uma cidade operária para atender às indústrias que deverão ser instaladas no local.

O povo da Estrutural desconfia da polícia, mas também têm a esperança de que a PM possa conter os crimes no local. "Aqui tem muita gente boa, mas também tem gente

que gosta do alheio. Muito pai de família sai pra trabalhar e quando volta encontra o barraco assaltado. Se a polícia nos deixar quietos, se não nos acuar e fazer a gente viver com medo, talvez possa ser bom. Tem que acabar com certos especuladores e malandros que moram aqui", enfatizou uma das moradoras da invasão, que não quer ser identificada.